

HAPPY FEET E A MARCHA DOS PINGUINS COMO PROMOTORES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUA REPRESENTAÇÃO DE CULTURA E NATUREZA

Daniel Machado Da Conceição¹

Resumo: A educação ambiental pode ser entendida como uma das formas de conscientizar as novas gerações da população global a conviver com outros organismos e animais para além de visualizar apenas ao que lhe é semelhante. O trabalho tem como tema a educação ambiental percebida a partir de seu desenvolvimento em dois filmes: a animação "Happy Feet – O Pinguim" (2005) e o documentário "A Marcha dos Pinguins" (2004), ambos apresentam uma população de animais exposta ao ambiente inóspito do continente Antártico. Os filmes transitam entre o identificar-se com o humano e o guardar as características de não-humano. O desafio passa a ser identificar a maneira de sua utilização como ferramenta de educação ambiental, na efetiva reordenação das práticas culturais do animal simbólico.

Palavras-chave: educação ambiental; humano; naturalismo; perspectivismo.

Abstract: The environmental education can be understood as a way to aware the new generations of global population to cohabit with others organisms and animals, seeing further than what is similar to human being. The paper discuss environmental education and its development perceived from two films: Happy Feet (2005) and the documentary March of the Penguins, both present population of animals exposed in inhospitable environment of Antarctica. The films go through between self-identification with human and the keeping of non-human being characteristic. The challenge of the work is to identify the use of these medias as a tool for

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Sociologia e História da Educação (UFSC). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Participante do Grupo Esporte e Sociedade no Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/CED/UFSC). E-mail: danielmdac1@gmail.com.

environmental education, helping on reordering of cultural practices of symbolic animal.

Keywords: environmental education; human; naturalism; perspectivism;

Introdução

O trabalho tem como tema a educação ambiental percebida a partir de seu desenvolvimento em dois filmes: um a animação “*Happy Feet – O Pinguim*” (2005) e o documentário “*A Marcha dos Pinguins*” (2004), ambos apresentam uma população de pinguins exposta ao ambiente inóspito do continente Antártico.

O motivo da escolha destes filmes se encontra em uma inquietação despertada no momento de contato com a animação “*Happy Feet*”, quando algumas observações saltavam os olhos. O enredo no filme articula várias questões culturais em voga, as mesmas chamam a atenção para os conceitos ideológicos. Os embates culturais apresentados são muito marcantes e merecem uma ponderação, pois ao mesmo tempo em que objetivam a educação ambiental, também servem para reafirmar valores de uma sociedade hominídea ocidental que intensifica sua jornada a partir do período industrial.

O cenário para os dois filmes, embora o conhecimento sobre sua existência, ainda permanece distante da grande maioria, sendo um continente visitado por poucos. A problemática das relações com o meio ambiente está presente na animação e no documentário, o que favorece o dialogo neste trabalho.

A análise de conteúdo proporciona, como na figuração de Simmel (1996b), um abrir de porta, pois nos serve de passagem para um mundo novo de onde escrever inquietações da relação do humano com o não-humano (DESCOLA, 1998). A intenção maior difere da realização de um embate

entre os dois filmes, assim o seu conteúdo serve como ponto de partida para perceber como a representação e o ideário de preservação foi difundido nestas duas películas.

A educação ambiental pode ser entendida como uma das formas de conscientizar as novas gerações da população global a conviver com outros organismos e animais para além de enxergar apenas o que lhe é semelhante. Retornando a Simmel, embora não com uma concretude física, os filmes são uma ponte entre dois pontos. Seu objetivo passa a ser aproximar uma margem humana a outra margem considerada não-humana. Embora como objeto de análise possa ser um abrir de porta para um novo mundo de percepções, ainda assim, a tela onde é reproduzida a imagem dos filmes nada mais é que uma janela. Isto é, só pode ser olhada de dentro para fora, como consequência um ver de longe. Giovanni Sartori, em seu livro *Homo Videns* (2000), exemplifica que o animal simbólico que se tornou o homem passa a ser um animal vidente, reduzindo suas características a mera observação daquilo que não pertence ao seu cotidiano próximo.

La televisión – como su propio nombre indica – es <<ver desde lejos>> (tele), es decir, llevar ante los ojos de un público de espectadores cosas que puedan ver en cualquier sitio, desde cualquier lugar y distancia. Y en la televisión el hecho de ver prevalece sobre el hecho de hablar, en el sentido de que la voz del medio, o de un hablante, es secundaria, está en función de la imagen, comenta la imagen. Y, como consecuencia, el telespectador es más un animal vidente que un animal simbólico. Para él las cosas representadas en imágenes cuentan y pesan más que las cosas dichas con palabras. Y esto es un cambio radical de dirección, porque mientras que la capacidad simbólica distancia al homo sapiens de animal, el hecho de ver lo acerca a sus capacidades ancestrales, al género al que pertenece la especie del homo sapiens (SARTORI, 2000, p. 10).

Esta relação entre o homem simbólico, aquele que se diferencia das outras criaturas viventes no planeta por ter a capacidade de criar, de reconhecer a si mesmo e transformar a natureza, com os frutos de sua tecnologia e avanços, o coloca no ponto de excluir suas características

simbólicas amplas para ressaltar reduções. Resguardando a crítica de Sartori (2000) sobre a televisão, temos ainda Walter Benjamin que compartilha dos pontos de conformidade e usos deste veículo para mobilizar as massas, mas também percebe que a tecnologia, mais precisamente os veículos de comunicação, favorecem o contato com informações de maneira rápida e agora disponível a uma grande gama da população mundial. Por mais que a crítica seja consistente precisamos perceber os reais interesses, as intenções de cada material produzido e os objetivos de sua disseminação.

O veículo de comunicação utilizado neste trabalho, no caso a tela de cinema ou a televisão, permite o alcance inimaginável de sujeitos em toda parte do globo, através de sua difusão ampla impulsionada pela propaganda e o marketing de venda. Por isso precisamos ter uma postura crítica, questionando a verdadeira intenção dos filmes frente ao argumento de educação ambiental. Portanto, não se pode esquecer que, como veículo de reprodução, os meios de comunicação possuem interesses que transcendem ao tema abordado, ainda que seja notório.

Play - o assistir

Animação *Happy Feet* trás uma abordagem da questão ambiental como pano de fundo, enquanto desenrola outros pontos de debate corrente. A estória apresenta uma população de animais que vive em sociedade, sendo esta estratificada em dois grupos distintos. O primeiro grupo trava uma ampla luta por sobrevivência desempenhando seu papel primordial de procriação, o segundo grupo constituído de anciões dita as regras morais de coesão social. Podemos desde o primeiro momento perceber a crença em uma entidade protetora dos pinguins. Este mito proporciona a coesão e, inclusive, serve de justificativa para queda na produção de peixes, desencadeada como castigo ou provação pelo qual os pinguins devem passar.

Tessituras

Neste contexto temos o nascimento de um pinguim, de nome Mano, que diferente dos outros de sua espécie. Ele não tem uma voz adequada para o canto, isto é, ele apenas sapateia. Sua voz não é a voz aceitável para o grupo, e apenas sapatear aparece como um escárnio frente à tradição vocal, que culmina favoravelmente para perpetuação da espécie.

O pinguim com incapacidade para cantar não possui a característica necessária para ser aceito como membro ativo no grupo. Na animação a inadequação passa a ser sinônimo de rejeição e motivo de ataques ao sujeito desviante. Em meio às disputas de pertencimento ao grupo ocorre a preocupação pela falta de peixes, sendo inserções do propósito existencial do pinguim Mano.

Questões valorativas de convivência em grupo são apresentadas e introduções sobre a quebra no equilíbrio ambiental são resgatadas de tempo em tempo, ao ponto de firmar o debate sobre o verdadeiro motivo da falta de peixes. Neste momento aparece outro elemento desconhecido e distante da grande maioria da população de pinguins imperador: os chamados extraterrestres, aqueles não pertencentes ao local.

No relato durante o filme os ETs são apresentados como pinguins sem bicos e caras achatadas. Com esta descrição a figura humanoide é agregada a estória como um ser dominante que usurpa e abduz os animais. Outra característica da presença humana fica evidenciada em seu rastro de lixo, suas instalações, equipamentos e conseqüentemente sua influencia na redução da quantidade de peixes no mar. Ser abduzido pelos alienígenas é o momento de contato com o humanoide, representando mais uma vez a ênfase de dominação, apropriação e desrespeito por outras criaturas.

Realizando um adendo as questões levantadas no filme, não podemos deixar de destacar que a produção reafirma uma imagem dos pinguins imperadores como representação da população humana do hemisfério norte, mais precisamente do norte americano. Ao avaliarmos os pinguins imperadores percebemos que no filme são apresentados como uma população com características culturais diferenciadas.

O simples fato de encontrar no canto o ápice das relações marca uma forma de distinção, principalmente se comparada aos pinguins “comuns”, que são baixos, desengonçados, que gostam de festa, com uma tendência a maior troca de parceiros afetivo-sexuais. Também possuem características de despreocupados com a questão de sobrevivência (peixes) e dependentes de figuras supersticiosas como um guru para orientação.

A pitada final para marcar tal população é encontrada no idioma falado: o espanhol. Uma frase para expressar tal ideia é assim proferida: “-Tempos difíceis, não têm peixes e nem por isso não se faz festa!” A fala remete a uma população alienada e desinteressada dos problemas que assolam o território Antártico.

Outro exemplo da presença de uma ideologia no conteúdo da animação está no fato da população de pinguins “comuns” necessitarem que seus ninhos sejam feitos com pedras acumuladas. O desejo de acúmulo constante de objetos (bens) atraem o interesse das fêmeas, ao contrário dos pinguins imperador onde o talento está na capacidade de fazer belas canções (cultura valor) e a não necessidade de construir um ninho. Invertendo assim a lógica ligada aos bens a ênfase se restringe a dedicação plena dos pais no cuidado de seu filho.

O cantar passa a ser marcador de uma atividade intelectual que requer treinamento e aprimoramento constante. Podemos relacioná-lo ao ócio criativo, um trabalho de muito mais refinamento se comparado ao grupo que necessita trabalhar para impressionar/acumular.

Os pinguins imperadores são apresentados como monogâmicos, dedicados a suas crias, possuindo a cultura do canto e a crença em uma única entidade que os protege. São regidos por anciões que possuem experiência para tomada de decisões. Durante o filme fica evidenciado o papel das instituições de reprodução social, como família e escola, que guardam papéis relevantes para manutenção da sociedade pinguim imperador.

Tessituras

Os vários arranjos destacados na animação são amarrados com a questão de sobrevivência, mediante a necessidade de alimento. Mesmo os pinguins adquirindo características humanas, semelhantes a sua população, em alguns momentos retornam a sua condição de criaturas sujeitas ao ciclo predatório do ambiente onde vivem; ora são caçadores e ora também podem ser a caça.

O enredo sobre a alimentação desperta algo novo no desviante Mano (pinguim que não canta, apenas sapateia), figura principal da animação, que se inquieta pela escassez de comida refletida na diminuição dos peixes. A postura de rejeição o faz perceber coisas que o restante do grande grupo não aceita como verdade. Neste caso, o ser diferente quebra a atitude alienante ampliando a visão para o que não se quer ver. Mano inicia sua jornada pelo território Antártico procurando conversar com os ETs para que percebam a existência de outras criaturas. Ao atingir o objetivo de encontrar a presença humana, a primeira construção apresentada no filme é uma capela religiosa, seguida do resto de lixo, utensílios e equipamentos deixados pelos ETs. Em seguida grandes navios pesqueiros que com suas redes de arrasto recolhem toneladas de peixes de uma única vez. O desejo de falar e expressar sua angústia aos ETs faz com que Mano os siga até exaurir suas forças e ser encontrado em uma praia. Ao ser encontrado é levado para o centro de reabilitação e posteriormente a um zoológico. Ali encontra os Ets cara a cara e busca argumentar sobre os peixes, claro que sem sucesso. Mas, existe algo que chama atenção do humano e que promove a interação e o despertar sobre o pinguim até então considerado não-humano.

Mano chama atenção da humanidade quando consegue se comunicar por uma forma audível, ou melhor, aceitável. O sapatear passa a ser aquilo que o diferencia de outros animais, mostrando que o mesmo possui uma inteligência passível de relação. Este é o ponto que o faz ser importante, logo se fazendo necessária a sua preservação. Agora possuidor de uma característica que deve ser preservada, não sua vida, mas sua ação e atitude diferenciada.

O pinguim foi considerado só mais um animal. Mas, logo que o pinguim sapateador adquiriu uma característica próxima à humana, foi-lhe permitido a preservação como tal. Mano rompe o que é entendido como animalidade e passa a ser encarado como um ser que possui características de um animal simbólico que o aproxima daquilo que deve ser entendido como humano.

O documentário *A Marcha Do Pinguim Imperador* (2004) inicia com uma poesia sobre um grande jardim que se tornou branco, onde os ancestrais decidiram permanecer, embora as mudanças que o espaço sofria. Nesta frase é ressaltado o sentido de adaptação e não de evolução da espécie, como no artigo do pensador Ingold (2003).

A narrativa no documentário demonstra sacrifício, sofrimento e dedicação por algo reconhecido como nobre, no caso o valor de perpetuar a espécie dedicando a própria vida para cuidar do filhote. A marcha, no seu término, é um encontro nupcial para gerar vida. “– É preciso muita vida para gerar a vida, cada gesto é para manter a vida”. Desta forma é enfatizada a doação plena do casal pinguim para manter seu filhote vivo durante o rigoroso inverno Antártico.

Por ser um documentário real e não uma animação os perigos presentes no ambiente são mais bem observados, ao ponto de aceitarmos que a vida e a morte se encontram lado a lado. O documentário não faz apelo e nem traz convite de preservação, seu papel principal é de aproximar os valores dos animais não-humanos aos valores humanos, desta maneira sensibilizando mais uma vez por meio da aproximando de ambos.

Os extras: o filme ambiental

Assim como a educação ambiental, a animação e o documentário expõem as consequências da exploração humana em relação aos peixes, o

perspectivismo diz que são pinguins tendo experiências semelhantes às humanas.

Vendo-nos como não-humanos, é a si mesmos que os animais e espíritos veem como humanos. Eles se apreendem como, ou se tornam, antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura: veem seu alimento como alimento humano (os jaguares veem o sangue como cauim, os mortos veem os grilos como peixes, os urubus veem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado identicamente às instituições humanas (com chefes, xamãs, ritos, regras de casamento etc.) (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 350).

Durante a animação e o documentário o jogo de saber entre ser animal ou não, humano ou não-humano, ainda marca a posição do naturalismo, permanecendo a separação entre o homem e a natureza. O animal simbólico que desenvolveu sua criatividade ao ponto de se perceber fora da natureza, que identifica como externa, promove uma relação de domínio sobre aqueles que para ele são agora materiais uteis para sua sobrevivência e conforto. Ele não se percebe como animal e sim como aquele capaz de usufruir os recursos de maneira um tanto egoísta.

Ao ponderar sobre os dois filmes, onde podemos encontrar a figura humana? No documentário ela é inexistente? Na animação se restringe a presença como ETs? Se olharmos de maneira superficial poderíamos dizer que sim. Mas, na realidade, a figura humana se encontra presente durante todo o filme, transmitindo valores e informações por meio da linguagem, das imagens selecionadas propositadamente em uma sequencia com inserções musicais. A maneira de perceber o que os animais pinguins vivenciam, na verdade, é a maneira que o animal simbólico identifica como sendo a ação e pensamento das criaturas em foco. Mais do que resgatar nos animais características humanas, o filme parte de um anseio de incorporar estas características nos não-humanos. A representação da fala dos animais e da sua maneira de ver o mundo, nada mais é que a interpretação humana sobre

o animal. É mais uma expressão de controle do que deve ou não ser dito ou visto.

A cosmologia, por sua vez, está relacionada à presença humana. Não existindo o homem na Antártica, não se teria uma cosmologia aparente. A necessidade de criar uma cosmologia para os pinguins na animação pertence à expressão daqueles que descrevem o viver como pinguim e não do que realmente o pinguim nos tem a contar, pois, em certa medida, compartilhamos do desespero do personagem Mano que ao encontrar os ETs apenas sabe falar pinguinês, o que o torna inteligível.

Santos (2009), por sua vez, ressalta que a animação possui a capacidade de apresentar os problemas ambientais que os pinguins sofrem e que foram gerados por um elemento que está longe desse habitat. A população humana, mesmo não vivendo no continente Antártico e diretamente não promovendo alterações no local, ainda assim, possui a capacidade e dependência por recursos que são encontrados próximos ao mesmo. O exemplo trabalhado no filme trata da pesca industrial em alto mar, com redes gigantescas de arrasto. Portanto, mesmo não vivendo na área, a necessidade de recursos faz com que o homem saia por outras regiões, rompendo com o equilíbrio. Por mais que esta intenção esteja marcada, foi apresentado apenas uma das influências que o animal simbólico tem promovido. Sabemos que não é só a agressividade com maquinários potentes e *in loco* que influi no desequilíbrio, mesmo outras ações no espaço/local daquele que olha pela janela são impactantes em regiões distantes.

O processo civilizador descrito por Elias (1994) mostra como o refinamento de costumes e ações torna a sociedade mais civilizada dentro dos padrões ocidentais. Pois à medida que algumas ações são aceitas como práticas normais, conseqüentemente tornam a prática anterior atitude bárbara. Neste sentido o fato dos filmes trazerem animais como personagens principais os torna mais achegados, ou melhor, semelhantes ao humano. Andam como bípedes, com sentimentos que os coloca no nível de animais

também simbólicos. Descola (1998) compartilha de tal ideia ao afirmar que na medida do aumento da familiaridade com determinado animal, maior será a ojeriza referente aos maus tratos com os mesmos. Os filmes em questão se assemelham aos manuais de boa conduta, seu objetivo é refinar as atitudes contra os animais. Este objetivo reflete na mobilização e desejo de preservar aqueles que agora possuem um significado palpável. Diegues (2001) descreve o sentido de preservacionismo como a possibilidade de manter estável o ambiente agora resguardado. No conservacionismo a exploração ou extração mesmo consciente continua paulatinamente a apropriar-se dos recursos.

O debate sobre a proteção dos animais (pinguins) no final da animação mostra como a comoção mundial influencia a criação de reservas e espaços de preservação. O discurso apresentado marca o encerramento da saga do jovem pinguim e a necessidade de preservar tal espécie, que pode comunicar-se, principalmente, expressando-se de maneira que o humano entenda - pré-requisito para uma vida inteligente - merece a importância de ser resguardada. Enquanto o pinguim é apenas um animal irracional submisso ao humano e sob seu controle não desperta atenção. A partir do momento da existência de algo diferente ou distinto de outros animais ele agora é aceito, torna-se notícia e merecedor de preservação. O filme não mostra se os outros pinguins que não são sapateadores receberam a mesma oportunidade para voltar à Antártica, mas nosso herói retorna e incentiva a expressão da dança como uma linguagem em certa medida universal.

No caso do documentário seu término se assemelha ao começo. Uma marcha que ressalta os instintos irracionais, por mais que seu início mostre uma porção de cultura semelhante aos valores humanos, no seu término enfatiza sua liberdade como animal em um ambiente inóspito. Ambos os filmes transitam entre o identificar-se com o humano e guardar as características de não-humano.

Cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos,

supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral. E a cada geração somos lembrados, como se fosse uma grande descoberta, de que os seres humanos também são animais e que a comparação com os outros animais nos proporciona uma compreensão melhor de nós mesmos (INGOLD, 1994, p. 39).

Conclusão

Qual o papel dos filmes e documentários ambientais que buscam fomentar novas práticas e ações duradouras no intuito de mudança? O que o homem simbólico tem pensado durante sua interação com o ambiente povoado por outras criaturas? Estas são questões pertinentes para o desenvolvimento de um trabalho mais amplo. Nestas linhas não buscamos responder plenamente estas perguntas. Uma investida pormenorizada pode promover uma segunda análise mais detalhada sobre os resultados efetivos de sua utilização como ferramenta de conformação da população humana.

As muitas dúvidas que ficam tornam efervescente o desejo por identificar o real valor das informações e expressões visuais presentes nas estórias. No entanto, não podemos esquecer que sua produção é realizada por uma indústria que busca lucro. Na verdade uma indústria voltada ao lazer e que por apresentar aquilo que nos é distante cumpre seu papel de interter. Nosso desafio passa a ser identificar a maneira de sua utilização como ferramenta de educação ambiental no efetivo resultado na reordenação das práticas culturais do animal simbólico.

O que podemos identificar como fato é a necessidade de mudança na atitude do humano em relação ao global e planetário, atitude está que obrigatoriamente passa pelo seu reconhecimento como criatura vivente e dependente do espaço então compartilhado...

Referências bibliográficas

A MARCHA DOS PINGUINS. Produção de Luc Jacquet. França: Lumiere, 2004. DVD (80 min): Color, Dublado Português.

DESCOLA, Philippe. **Estrutura ou sentimento:** a relação com os animais na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 23-45, 1998.

DIEGUES, Antonio C. S. Conservacionismo dos recursos naturais versus preservacionismo nos Estados Unidos. In: _____. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Ed. HUCITEC, 2001. p. 28-35.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

HAPPY FEET. Produção de George Miller. EUA: Warner Bros, 2005. DVD (98 min): Color, Dublado Português.

INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, p. 39-54, 1994.

_____. A Evolução da Sociedade. In: _____. FABIAN, C. (Org.). **Evolução:** Sociedade, Ciência e Universo. Bauru: Edusc, 2003. p. 107-131.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, Naraisa de A.; FELIZOLA, Matheus P. M.; GOMES, Laura J. **Análise da aplicabilidade das animações *Happy Feet*, *Os Simpsons* e *Peixe Frito* como instrumentos de sensibilização e conscientização na Educação Ambiental.** Brasília: XI Congresso de Ciências da Comunicação na região Centro-Oeste, Junho 2009.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns:** la sociedade teledirigida. Buenos Aires: Aguilar, 2000.

SIMMEL, G. A filosofia da paisagem. *Revista Política & Trabalho*, João Pessoa: n. 12, p. 15-24, 1996a.

_____. A ponte e a porta. *Revista Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 12, p. 10-14, 1996b.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: _____. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 225-254.